



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário

19 de Maio de 1990

Ano XLVII — N.º 1205 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Em hora de lazer, nas escadas da casa-mãe, em Paço de Sousa, Frederico e Bruno Leonardo afirmam que a miséria da Rua... já passou!

ENCONTROS EM LISBOA

AINDA não tive tempo para enfrentar a realidade que se me apresenta portas adentro e já começaram os safanões vindos do exterior...

Em menos de quinze dias foram dezasseis gritos a clamar ajuda. Vieram párocos, escreveram assistentes sociais, telefonaram religiosas, tribunais de menores enviaram ofícios. Todos os casos apresentados tinham rótulos idênticos: situação gravíssima; necessária intervenção urgente. Que fazer?

Podia ter despachado de imediato. É fácil despachar atrás de uma secretária. Quantas dores são despachadas burocraticamente! Ao ouvir e ler os relatos que me eram apresentados comecei a sentir o desconforto de ter que me interessar ou desinteressar por aquilo que me era transmitido. Como que numa névoa adivinha-se gente que sofre, gente que espera, gente que se apresenta de rosto desfigurado, marcado pela dor.

Decidi não despachar e ir ver. Assim nasceu a minha primeira incursão em terras da Capital. Parti com algumas direcções debaixo do braço e, no fundo do estômago e nas pernas, aqueles sintomas de medo que sempre me invade quando tenho que assumir a responsabilidade de abrir ou fechar as portas à esperança.

Tratava-se de cinco crianças: duas num lado e três no outro. No regresso tinha dito não a três e sim a duas. Não me perguntem se fiquei tranquilo. Não fiquei porque nos dois lados se sofria, mas, onde disse não, havia família, existiam condições, faltava talvez um pequeno suplemento de alma que leva a ir mais longe na capacidade de doação. Compreende-se um certo pânico nascido no inesperado e imprevisível acontecimento de, de um momento para o outro, a família se ter que confortar com mais três crianças, mesmo que haja a esperança de ser só temporariamente. Não se compreende que por uma questão de se «ter a vida para viver» se alijem responsabilidades para outrem. Onde está a força e a

Continua na página 4

LUTA CONTRA A POBREZA

O «Programa Comunitário para a integração económica e social dos Grupos menos favorecidos» começará em breve a desenvolver-se em acções, neste Porto tão carecido delas. Não vamos esperar o consenso universal sobre as ditas acções, que não se faria nada! Ou ter a ilusão de que elas não vão produzir descontentes, pois, naturalmente, nem todas as necessidades serão remediadas de imediato! Que o sejam algumas. E o facto consumado destas convença da possibilidade e arraste ao facto consumado das restantes.

Curiosamente, o que mais nos assusta neste Programa não é a exiguidade de meios, mas a grandeza do «bolo», na medida em que, gerido, possa implicar uma máquina administrativa e técnica que «coma» a maior parte dele. Desde há muitas décadas temos tido ocasião de observar acções, transitórias ou instituídas, em que os servidores são mais do que os servidos, o que transforma a acção num serviço mais daqueles do que destes. E mais recentemente, com fundos europeus, é estranho o maior frenesim de os gastar do que gastá-los bem. Dizemo-lo da nossa própria experiência de um assédio de ofertas que reputamos escusadas ou destinadas a um fraco êxito.

Os grandes problemas do Homem, sobretudo na esfera da formação e crescimento humanos, dependem muito mais de quem do que do quê os há-de solucionar. A existência de quem atrairá irresistivelmente a presença do quê, tanto quanto a sua oportunidade instrumental. A inversa, porém, não é verdadeira, porquanto o quê poderá atrair mercenários, sim; mas os ditos problemas requerem pastores. Não basta vender o tempo, a competência. É necessária a paixão, a disponibilidade incondicional que nela enraíza — e a paixão é gratuidade, é dom que se recebe e se dá em vida.

A «luta contra a Pobreza» não se cinge a uma estratégia bélica, ainda que «guerra santa». O seu objectivo não é um nome abstracto e impessoal a eliminar. O objectivo autêntico é o Homem, a pessoa concreta dotada de um nome próprio, que urge libertar de causas de uma decadência progressiva que se deixou ir longe demais. A luta é pelo Homem, pelo seu ressurgimento, pela sua re-humanização. Isto exige, obviamente, estruturas materiais renovadas; mas a verdadeira reconstrução que se almeja é a do Homem. Este pensamento tem de ser uma obsessão ao longo de todo o

Continua na página 4

PATRIMÓNIO DOS POBRES

O caso, aqui falado, daquela mãe com muitos filhos a viver numa barraca, está resolvido. Bastou que um punhado de pessoas levantasse a cabeça e decidisse andar para a frente com a construção da casa até ficar concluída. A miséria foi vencida ali, onde se tinha instalado.

É com estas vitórias que parecem pequeninas, alcançadas no lugar próprio, com as armas adequadas, de mãos dadas, mercê do esforço paciente de uns tantos, que se faz a alegria duma comunidade.

A mulher não tinha dinheiro. O único capital que possuía eram os filhos e um desejo grande de ter a sua casa e sair da barraca. Isto devia bastar para que a decisão agora tomada o fosse há mais tempo. Estamos na presença de valores — um rancho de filhos — e de direitos — ter casa — que são prioritários em qualquer grupo civilizado. São um capital a ter em conta. Mas para quem lê por números são um peso. Assim pensa uma sociedade em que a matéria tem primazia.

Na busca da riqueza económica em que estão

empenhados os políticos, porque não investir prioritariamente na habitação, ponto de partida para a riqueza humana da nação? Dever-se-ia começar por aqui ou, pelo menos, avançar na mesma proporção em que se caminha noutros sectores. Damos, por isso, um lugar de honra à construção da casa para esta mãe e seus filhos. Ninguém fala deste acontecimento e, contudo, tem força para fazer estremecer uma nação que se quer solidária. Dê-se-lhe espaço nos grandes meios de comunicação social. O rosto do povo havia de sorrir, contente. Uma família de 12 membros está, agora, no que é seu. Antes, não, que a barraca não é para pessoas.

Mas se há tantas delas a viver em barracas?! Que se passa? Falta de dinheiro? Mas há tanto dinheiro em Portugal e a miséria teima em resistir.

É um problema nacional. Daqueles que tomaram sobre os seus ombros a sorte do povo que os escolheu, há-de vir a orientação decisiva que já tarda demais. Haja

Continua na página 3

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• APELO — Estamos reparando a moradia de uma Pobre — Património dos Pobres — cuja obra fica por cem contos. É caixilharia, soalho, etc.

Numa outra — também Património dos Pobres — há necessidade absoluta de investir centenas de contos, ampliando-a, na medida do possível, com mais quartos, etc. É a «Casa do Xai-Xai!» Lembra-nos a calorosa recepção proporcionada, pelo povo daquela região moçambicana, a Pai Américo, na viagem que ali fizemos em 1952, entoando a mensagem do Património dos Pobres. «Xai-Xai em chamas!» — era o grito dos mais entusiastas. Mexemos, por isso, com o coração.

Conseguimos, finalmente, um grupo de trabalhadores (polivalentes) que se dispõe a reparar todas as moradias que sofrem o desgaste natural de 40 anos! Temos obrigação moral e social de conservá-las como uma jóia. São uma dúzia delas!

Ora nós precisamos de quem bote a mão... e partilhe, pois estas obras orçam, agora, pelas centenas! Bons velhos tempos em que Pai Américo as construiu por doze ou quinze contos... Ele tocará no coração dos mais receptivos. É um acto de fé!

UM CASO — A mãe estava acompanhada duma filha casadoira. Vergada ao peso dos anos, desabafa:

— Vivemos uns sobre os outros...! A casa que nós temos não é pra nós; nem água tem! Somos oito pessoas e, às fins-de-semana, aquilo é uma desorde...! Dêem-nos a mão pra gente conseguir uma casa melhor...

Desabafo em terras do Entre-Douro-e-Minho.

— Como será noutros locais?!

As causas deste mal-estar catamo-las, também, nas manchetes de um vespertino: «Venda de habitações com sombrias perspectivas»; «Mercado de arrendamento funciona mal — obrigações hipotecárias não resolvem crise da habitação»; «Precisamos de 850 mil casas».

Diagnóstico da situação, neste momento: «Precisamos de 850 mil casas» em todo o País! Isto é, talvez metade da população portuguesa «tem problemas habitacionais de maior ou menor gravidade».

Concretamente:

«Em 1986 o défice habitacional português cifrava-se em cerca de 750 000 casas, com um défice anual da ordem das 30 000 casas. Poder-se-á estimar que o número de casas em falta atinge hoje as 850 000. As carências de ordem qualitativa afectam certamente cerca de um terço do parque habitacional construído, pelo que se deduz que cerca de 40 ou 50 % da população portuguesa tem problemas habitacionais de maior ou menor gravidade. Este é um dos problemas graves da nossa vida actual, com consequências de ordem económica, social e até moral.

A resposta a este estado de coisas tem-se traduzido na construção de cerca de 40 000 casas por ano, com uma componente social que nos últimos dois anos apenas ofereceu cerca de 5000 casas. As obras de recuperação e de beneficiação são diminutas e o mercado de arrendamento não funciona (saem mais casas do mercado do que entram).

A grave crise no sector habitacional é apenas mitigada pelo recurso à compra de casa própria, por via do crédito, deixando contudo de parte uma vasta camada da população que não tem condições de acesso à habitação e não encontra casas para arrendar no mercado livre ou no quase inexistente mercado de arrendamento social».

A verdade que temos denunciado! Continuaremos.

PARTILHA — «Para abrilhantar um pouco o jantar de Páscoa de um Pobre, dos mais necessitados da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, pequena oferta»: 1.500\$00, da assinante 35019.

Terras do Sado: «Em minha casa O GAIATO é recebido com alegria e com a certeza de que é um sinal de alerta para o egoísmo a que cedemos a maior parte das vezes. Durante esta Quaresma procurei evitar algumas despesas que, feitas às contas, se revelam não só inúteis mas originadoras dum certo desperdício. É em resultado desses esforços que envio apenas 6.800\$00. Apliqui-o como for mais necessário. Peço, contudo, total anonimato. Doutra forma, uma migalha tão pequena ficaria ainda mais pequenina, no meio dum egoísmo que ainda por cima pediria aplausos imerecidos. Muito obrigado por tudo quanto, por nós todos, fazem aos esquecidos, aos mais sofrendores. Enquanto nós, os outros, nos deixarmos ficar no nosso comodismo e sem darmos resposta ao apelo, passando por quem tem sede e não lhe damos de beber, por quem tem fome e não lhe damos de comer, por quem tem frio e não lhe damos de vestir». Só O GAIATO gera estas explosões de Amor!

Assinante 5241, de Peniche, cheque de dois mil escudos «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Destino: o que entenderdes. Infelizmente são tantos os necessitados! Assim que puder, enviarei mais uma ajuda. É pouco, mas dado com muito amor». Aqui está o valor!

Dois contos, de Cortegaça, e um rumo: «Alimentar a tua fé não é bastante. É necessário concretizá-la em obras».

De velha amiga, de Aradas, 800\$00; e mais 2.000\$00 de uma amiga, de Verdemilho. Remanescente de contas, pela mão do assinante 10610. O costume, de Vilares (Vila Franca das Naves). Remata a precissão a assinante 31104, com a bolada habitual e Mensagem: «Continuo a pedir que rezem por mim. Li, numa revista, há poucos dias: — A oração intercessória em favor dos que sofrem constitui sempre uma contribuição valiosa para aquele a quem é dirigida». Levantemos as mãos ao Céu! Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

TOJAL

CONVÍVIO — No dia 21 de Abril tivemos na nossa companhia um grupo de senhores da Força Aérea que todos os anos cá vêm com a banda. Mas, agora não lhes foi possível. Por conta disso trouxeram uns diapositivos sobre alguns animais africanos. E, no fim de tudo, ofereceram uma boa merenda no nosso refeitório

CAPELA — Já está o chão quase todo posto. Falta pouco para acabar. Também estamos à espera do vidro, mas

mesmo assim ainda falta muito para terminar a obra.

ANIMAIS — O «Vinho», rapaz que trata das nossas ovelhas, anda um bocado triste porque muitas delas estão a morrer e os borreguinhos a ficar bonitos e grandes.

Temos 22 vacas contando já com os vitelos. Mas a vacaria é tão apertada que não cabem lá todos.

Vamos ver onde poremos o resto que está para vir!

PINTURAS — O nosso rapaz encarregado das obras é o «Crokes». Esteve com um grupo deles a pintar as mesas e as cadeiras do refeitório.

OFERTAS — Veio cá um senhor oferecer 12 pares de chuteiras e um equipamento incompleto, mas bom.

Disse que, assim que pudesse, traria o resto.

ESCOLA — Começaram as aulas e as notas não foram muito famosas. Vamos ver o que nos sai no fim. Desejamos boa sorte aos filhos dos nossos leitores.

FUTEBOL — Nos dias 13 e 14 de Abril tivemos dois jogos, de onde não saímos nada contentes!

O primeiro, foi com antigos gaiatos. Perdemos 5-2.

No segundo, perdemos com os rapazes aqui do Tojal, por 4-2. Estamos fartos de perder!

Mas se alguns leitores tiverem uma equipa para jogar connosco estaremos sempre à disposição e agradecidos.

Podem contactar pelo telefone 9849019 ou por carta para Casa do Gaiato de Lisboa — Santo Antão do Tojal — 2670 Loures. Falar com o Carlos Silvério.

Luís Miguel Fontes

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — O bom tempo, no último fim-de-semana de Abril, ajudou

a concluir mais uma sementeira, que, desta vez, foi de milho, pois, com o feriado nacional de terça-feira e o ponto dado pelos nossos professores na segunda-feira pudemos pôr mãos ao trabalho e acabá-lo a tempo. Esperemos que dê bom fruto.

AULAS — Começou o último, e decisivo, período de aprovação dos alunos para o ano seguinte, que depende das notas obtidas no segundo período.

Pela nossa parte, houve muitas negativas e isso mostra que alguns não estudam e outros têm dificuldade em aprender.

Temos que lutar e superar as dificuldades que encontramos dia-a-dia.

FESTAS — Lugar de encontro e de convívio; de lembranças e de amizades; de riso e de pouco siso; de testemunhos e de mensagens. Tudo isto mostra que as nossas Festas não são como qualquer uma, pois, cada uma é diferente e cada gaiato que representa, não sendo profissional, mostra o seu valor dentro e fora da sociedade onde está inserido.

Este ano, nas Festas das nossas bodas de ouro, os antigos gaiatos, suas esposas e os «Batatinhas» recordaram números que marcaram muito a vida das pessoas e na primeira Festa em Miranda do Corvo verificou-se o mesmo, porque reviviam connosco o que já tinham visto há anos.

DESPORTO — Estamos inscritos num torneio de futebol numa povoação chamada Pereira com uma equipa muito jovem.

Entrámos com o pé direito no torneio, tendo ganho, em 29 de Abril, o primeiro desafio contra a Sandoeira por duas bolas a zero. Tivemos total domínio do jogo e com o nosso espírito de equipa conseguimos ultrapassar o adversário. No dia 13 do corrente houve um desafio contra um sério candidato à vitória do torneio e tem como nome Montoiro. Esperamos fazer bom resultado e boa figura.

PEDIDO — Seria possível enviar-nos chuteiras e sapatilhas do 35 ao 45? O torneio já começou e o nosso material não está em muito bom estado! Adiantamos o nosso muito obrigado.

Carlos Zé

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — No dia 24 de Março reunimos, como de costume, para relatarmos as nossas visitas.

Um casal de vicentinos ao referir os problemas dos seus Pobres, verificou que a situação de um dos casais tem melhorado bastante, materialmente, e então falaram com eles para que fosse reduzida a ajuda material que lhe damos. Ficámos admirados com a reacção daquele Pobre. Concordaram que ainda há quem tenha mais necessidade. Em seguida, acompanharam os vicentinos até uma senhora inválida, de muita idade, e que está só (D. Dália). Ao verem como aquela senhora vive com tantas dificuldades, logo se ofereceram para a ajudar em tudo que precisar. Esta e outras boas vontades de entre-ajuda dos nossos Pobres é um dos frutos que vamos colher nas visitas domiciliárias.

Passam os dias, rolam os meses e eis-nos na Páscoa da Ressurreição. Neste sagrado dia sentimos-nos mais unidos, mais fortes e mais irmãos. E sentimos também que não somos um simples ser humano, mas algo de mais espiritual que o Pai colocou na terra.

Desta vez as ajudas não foram muitas, mas com boa vontade ainda deram para alegrar as crianças com doces, amêndoas, etc. De D. Marquez, do Porto, cheque de 3.000\$00; assinante 22801, 3.000\$00; anónimo, 5.000\$00; Flora, 500\$00; José D'Eça, do Porto, 10.000\$00 «para auxiliar os mais desprotegidos».

Os nossos agradecimentos. Bem-hajam todos os que ajudam os Pobres.

Maria Germana e Augusto

PAÇO DE SOUSA

AGRICULTURA — Com a Primavera a meio, continua a sementeira da batata. Os que trabalham no campo já fertilizaram a terra, para a tornar mais produtiva. Esperamos que tudo corra bem e o tempo ajude e a terra dê boas batatas.

ESCOLA — No dia 23 de Abril começou o último e decisivo período. Todos se têm agarrado às disciplinas em que têm mais dificuldade, para que o ano lectivo seja bem aproveitado; e, se possível, não fique ninguém pelo caminho. Se todos se motivarem, e se ajudarem uns aos outros, vamos com certeza atingir o nosso objectivo.

PISCINA — Depois da limpeza à piscina, enchemo-la. Agora, é o momento que todos esperam com ansiedade, no dia em que os portões se abrirem: a correria habitual para ver quem é o primeiro a mergulhar! Mas, enquanto não começa o banho na piscina, tem que se estar atento para não haver incidentes, como o dos «Batatinhas». Foram vistos a atirar pedras para a água...!

DESPORTO — A nossa equipa já passou por momentos melhores. Nos tempos que correm, não temos feito melhor do que empatar ou perder! No dia 29 de Abril jogámos com um grupo amigo, do Porto. Perdemos por um

Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos

O grupo dos antigos gaiatos que se lançou com muito entusiasmo na constituição da Cooperativa de Habitação, não previu as dificuldades que ao longo dos últimos meses tem enfrentado.

A parte monetária tem sido o principal obstáculo para avançarmos com o primeiro projecto que iria resolver o problema habitacional de alguns dos nossos irmãos que vivem em péssimas condições.

Contactámos cerca de dez construtores e todos apresentaram orçamentos superiores às possibilidades financeiras dos interessados. Ultrapassam, em muito, o limite estabelecido por lei para que seja possível o empréstimo.

Os futuros responsáveis da entidade que ofereceu o projecto e tem acompanhado os nossos contactos com os empreiteiros, ficam admirados com os elevados preços mencionados nas propostas.

É uma situação que nos tem apouquetado muito. O grupo de gaiatos que meteu ombros a esta iniciativa, não foi com o intuito de resolver o seu problema habitacional porque, felizmente, quase todos já vivem em casa própria. Foi, sim, pensando em muitos dos nossos irmãos que ganhando 50 ou 60 contos por mês se vêm obrigados a recordar a sua meninice, vivendo em barracas!

Nós, os que temos a felicidade de possuímos casas onde não entra frio ou chuva, não permitiremos que outros irmãos gaiatos regressem às origens. Vamos todos dar as mãos e acreditar, como Pai Américo acreditou, no bom coração dos homens.

OFERTAS: Durante o mês de Fevereiro — 25.000\$00. Em Março — 18.200\$00.

Carlos Gonçalves

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Continuação da página 1

vontade política sincera e o problema não se apresentará tão grave.

Pouco antes de me sentar para escrever estas notas, posei os olhos na reportagem dum jornal diário do Porto sobre a zona da Sé. É impressionante, na verdade. Pai Américo andou pelas ruas do Barredo, viu e revelou. Sofreu e fez o que pôde. Passaram-se bastantes anos e o Barredo continua a dar que falar. A Obra da Rua deve voltar lá para sofrer e fazer o que puder, dando as mãos. Na origem desta calamidade pública o problema da habitação também tem o seu lugar.

Se o Estado tem um papel insubstituível, ninguém lho deve tirar — a Igreja tem o seu que não deve perder nem deixar roubar. O movimento do Património dos Pobres nasceu da Igreja. Mantém a sua identidade actuando no lugar próprio: a partir da comunidade, para a comunidade e pela comunidade. É a dinâmica da Caridade. Ela é a alma do movimento.

Quem nos dera ver a paróquia a viver à maneira duma família, dando a mão a quem dela precisa, concretamente para levantar a casa do que a não tem nem possibilidade de a ter, sozinho. Deste modo, ganharia força para estender a mão a outras mãos, gerando solidariedade no seu seio e irradiando-a para fora de si mesma. Não há outro caminho para anunciar a Fé, à luz da qual o povo vai descobrindo a resposta para os seus maiores problemas, nos tempos de hoje. Quem dera!

A solução de tão grave problema no meio rural, passa, em parte, pela Autoconstrução. Somos testemunhas. Tantas casas a subirem pelas mãos dos seus donos, a ajuda de

concludente 10-2. Os números, só por si, dizem que algo vai mal no desporto, em nossa Casa. Finalmente, no domingo, 6 do corrente, defrontámos um grupo de Recarei. Empatámos 2-2. O que importa é o espírito desportivo e o convívio; mas é sempre bom ganhar...

KARATÉ — Nas inscrições para o karaté, éramos muitos. Hoje, só 16. Mas o que importa é gostarmos daquilo que fazemos e aprendemos, como diz o provérbio: «Poucos, mas bons».

Esperamos continuar a obter o apoio dos nossos Padres, já que da nossa parte temos mostrado interesse e gosto. Além disso, mantém-nos unidos e é uma forma de convívio.

«Cereja»



Os Vicentinos de Águeda, com a ajuda do Património dos Pobres, concluíram e entregaram esta moradia a «uma família muito pobre, constituída por mãe e dois filhos, com alguma debilidade mental, que há muito viviam numa barraca. A fotografia — sublinham — dá uma ideia da modesta e muito confortável habitação, composta por três quartos, uma sala, cozinha, casa de banho e corredor. Tudo bem arejado, pois todos os compartimentos têm amplas janelas». Quantas mais se poderiam construir, pelo País fora, se todos déssemos as mãos!?

amigos e o trabalho remunerado de profissionais, aos fins de semana, nos feriados ou outros tempos livres!

Porém, as voltas que têm de dar pelas repartições até receberem o projecto, mais algumas condições desnecessárias, mais o dinheiro gasto nos papéis, põem à prova a resistência, a coragem e a perseverança dos Autoconstrutores. Alguns são verdadeiros heróis.

Atendendo ao apelo de dois casais jovens, feito através do pároco da freguesia, subi às suas aldeias para ver as casas a construir. Ali não há dinheiro no banco nem reservas em casa. O salário de simples operários de construção civil é a única garantia. Vão juntando, ao longo dos meses, o pouquinho que é possível. Depois, tiram e vão comprar materiais. Voltam a parar até que cheguem as férias com o subsídio que pagará alguns sacos de cimento e ferro. Estes homens confundem-nos. São uma lição viva. Quem pode resistir e ficar indiferente?

Um dos casais tem 3 filhos ainda pequenos. Ouvi-lo é receber uma verdadeira aula de sabedoria. Não teve uma queixa por causa dos filhos. Vi, sim, a determinação de pôr de pé as paredes da casa; de a cobrir com a placa, que o telhado virá a seguir. É uma travessia do deserto, alimentada pela esperança, que já é certeza, de que para as telhas não lhe faltará dinheiro. É, precisamente, nesta hora e neste espaço que o Património dos Pobres actua.

Esta gente não pode recorrer ao crédito. Há-de encontrar energias noutra fonte: o coração da comunidade paroquial. Oh, se assim fosse!

Quem dera que as comunidades participassem mais. É um problema de educação. E os educadores primeiros das comunidades cristãs poderão não ver o fruto imediato do seu trabalho. Que tenham a certeza, porém, de que quem semeia por amor não é em vão que o faz.

Quem dera que os agentes políticos tivessem vontade sincera de ajudar os Autoconstrutores e todos os que procuram casa para viver com seu próprio esforço!

Quando aparece nos jornais a notícia de novas facilidades no crédito para habitação, ficamos desapontados

e incrédulos. Será que a realidade é conhecida? Apetece-nos dar-lhe antes o nome de traficância do que o de ajuda eficaz àqueles de quem falamos e da multidão dos que vivem à espera sem saberem até quando.

Padre Manuel António

SETÚBAL

FOI muito lindo, esta tarde, o nosso Terço! O primeiro de Maio veio carregado de nuvens e a tarde tornou-se um pouco escura e húmida. Ao toque da sineta os rapazes juntaram-se, como de costume, no grande corredor sentados em duas alas, uns frente aos outros. O cheiro perfumado dos limoeiros em flor no espaçoso átrio, entrando nos rasgados arcos da enorme galeria elevava o ambiente.

Presidiu o «Valete», botando os mistérios dolorosos. A noite fora de dor e o dia muito triste. Perto das 23 h, o «Marreco» telefona, de Palmela: — Venho avisá-lo que F. despistou-se com a Peugeot nova, atropelou um motociclista e a carrinha está aqui toda avariada.

O rapaz tirou carta de condução há pouco tempo. Tinha-o recomendado muito:

— Olha que, agora, é preciso muito cuidado! Começas a sentir que já sabes guiar e quanto menos pensares estás estatelado.

Ora, bem dito, bem feito: O veículo ficou todo partido... e a gente a precisar dele! Foi uma noite de pesadelo e desgosto!

Pela tarde fugira o «Colégio» e o meu coração foi atrás dele. Não tinha lugar para mais sofrimento. Sentei-me abatido no meio dos rapazes. Os mistérios dolorosos vinham a matar! Faz-nos bem, na dor, continuar o Homem das Dores na companhia de Sua Mãe. Dá-nos Força interior. Ilumina-se-nos a inteligência. Penetramos nos mistérios do Sofrimento. Ganhamos coragem e ultrapassamos o medo de sofrer.

Era o primeiro Terço do mês de Maria. Os rapazes rezaram num coro calmo, mas atento. Cento e cinquenta vezes elevavam-se ao Céu. Pelo terceiro mistério, com a coroação de espinhos na minha frente, levanto-me a rezar, passando entre os dois coros no meio do corredor e deparo com seis dos mais pequeninos, dos dois aos cinco anos, aqui e além aninhados ao colo dos mais velhos e estes, paternalmente, acolhiam-nos com uma doçura de posição impressionante, oferecendo, em nome de Maria, a cada um, o próprio carinho. Os espinhos da minha sensibilidade transformaram-se em rosas no meu coração. Agora, contemplava uma verdadeira oração em família. A densidade humana do quadro vivo iluminava-me a alma e tornava sensível a presença do Sobrenatural. O Senhor consolava-me, assim, com estes sinais simples do Seu Amor.

Padre Acílio

DOCTRINA



Dá de graça o que de graça recebeste.
Do EVANGELHO

• Quando aqui se levanta o grito de alarme em favor de qualquer Pobre constituído em perigo, logo os corações acodem à chamada, em caudais de generosos maizes que têm sido arrobos de batatas, alqueires de feijão, medidas de azeite, potes de mel, roupas de vestir, notas de cem, libras em ouro! Todos os obreiros do Evangelho devem dar de graça o que de graça recebem, não vão eles correr o grave risco de impedir o efeito da Palavra que anunciam e esconder às almas a Beleza e a Vida que elas encerram, tornando-se assim empresários em vez de despenseiros. As cartas que recebemos, na roda do mês, são testemunho eloquente de que a Obra da Rua é a menina dos teus olhos; as tuas palavras não são gotas de licor lançadas em vasos de cristal, mas sim a tua vida em gotas, a cair na vida dos Pobres. Vê-se nelas o interesse, o alvoroço, o querer ir, a revolução do Bem. São autênticas declarações de amor ao apostolado de visitar Pobres, pelo que caminhas infinitamente mais depressa com este amor sem passadas, do que eu e muitos outros a dar passadas sem esse amor.

• Uma vez, pois, que estas choradas linhas são interesse e vida para os seus leitores, deixa-me revelar-te nelas a criança pobre, sobretudo o garoto da rua, esse pequenino anónimo que passa a descobrir tampas de lixo, a vender pentes e botões, a mendigar moedas de cinco. Todos saem de casa em jejum, com tarefa marcada por suas mães — preço e prémio da sopa que à noite não-de comer. Um há-de trazer o saco cheio de papéis, outro dez tostões da pedincha, outro ainda uns tantos pentes vendidos. E lá vão eles, os pequeninos inocentes, pelo dia fora e pela noite dentro, a gemer um «deixe-me levar aqueles papéis; dê-me um tostãozinho para pão; ora leve lá este pente, meu rico senhor». Ninguém os vê, ninguém os ama, ninguém sonha a angústia daqueles coraçõezitos: «A minha mãe dá-me uma tarefa se eu chego a casa sem dez tostões!» Tão pequeninos e já têm a sua história!

• Se alguém quiser fazer alguma coisa de grande na vida, bem faz chamando a si e amando um destes Inocentes, tão risonhos, hoje e amanhã talvez no banco dos réus! Cada um tem a sua história e todos têm a mesma, eterna porque divina: «É da boca das criancinhas que sai o verdadeiro louvor a Deus». Esta verdade é o fundamento invisível, a única razão de tantos louvores que o mundo dá ao Bem que se lhes faz.

O. Amín. 5.1

(Do livro Pão dos Pobres — 2º vol.)

TRIBUNA de COIMBRA

Louvres a Deus devem sair continuamente dos nossos lábios e dos nossos corações. Com os louvres a Deus deve sair também a nossa alegria pela comunhão de vida e de partilha de tantos amigos.

Temos a nossa agenda aberta desde 1 de Janeiro. Eis muito do que ela mostra: Muitos mimos do Grupo Paroquial da Lousã; seis mil, de visitantes; mais cinco mil, mais seis mil; dez mil, da Confraria da Rainha Santa; dois donativos; mais visitantes; cinco mil, de Leiria; dez, de grupo visitante; amigos, de Coimbra; oferta, de vizinho; dois sacerdotes; trinta, de amigo, de Lisboa; dez, das sempre amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel; vinte, de sacerdote; vinte e quatro, de Tomar; dez, de Avelar; cem, de velha amiga, de Lisboa.

Cinco, de vizinho agora a viver em Braga; três, de mãe de um dos nossos; mil e quinhentos, de avó de outro; dez, de advogado, de Odiveiras; dois mil e quinhentos, de sacerdote; dez, de professora; a amiga, de Castelo Branco, que aparece muitas vezes.

Que bom termos amigos em todas as terras! Amigos, da Pampilhosa; os escuteiros, da Pampilhosa, vieram passar o domingo e trouxeram muitos mimos e muita alegria; a amiga, de Vilar Formoso; dez, de amigo, de Abrantes; sacerdote, de Vila Viçosa; vinte; trinta, de amigo, de Lisboa; quinze, de Cartaxo; quinze, de Sodinheira; dez, «uma areinha perdida», de Coimbra; cinquenta, de casal, da Figueira da Foz.

Muitas visitas, dinheiro e mimos levados ao nosso Lar; senhoras vizi-

nhas que nos ajudam muito; mil, de Seia; mais seis mil, da mesma terra; amigo, de Vila Gosendo, que aparece várias vezes; cinquenta, de Ferreira do Zêzere; dois mil, de Braga; cinco, da Sertã; cento e vinte, de amigo agora a viver em Lisboa; amigos, de Condeixa; quatrocentos, da Tagol; quatro mil e quinhentos, de Orelhudo; empregada, de Tortosendo; amigos, de Arganil; quatro mil e setecentos, do Tó Mané; quinze mil, «migalha familiar», de médico; cinco, de sacerdote; trabalhadora dos Hospitais que aparece; seis, de Oeiras; senhora, de Poiães; médico, de Marinha das Ondas.

Mil, da Palmeira; dez, de amigos, de Pombal; onze, de Anadia; Carnaxide também deu sinal; amiga, de Águas Belas; cinquenta, de Leiria; Aurélio, de Castanheira de Pera; amiga, de Soure; amigos de Cantanhede; quarenta e cinco, de amiga que Deus chamou; oito mil, de Oliveira do Bairro; o casal, de Meãs do Campo; a muito querida amiga, de Alcorochel; amigo, de Damaia; uma grande carrada de batata, feijão, outras coisas e dinheiro que fui buscar a Fundada.

Numas das aldeias encontramos muitos assinantes d'O GAIATO. Foram encontros muito carinhosos!

A Câmara de Coimbra ofereceu parte do produto da venda de vidros: 98.554\$00; senhora, de Montemor, que vem todos os meses; dez mil, da venda de pedra de sepultura de familiar; vale de correio, da Lagoa do Louriçal; os ofertórios da igreja da Mealhada; cinquenta, da Póvoa de Varzim; muito calçado, de Alcains; fruta,

por várias vezes, de casal vizinho. Senhora amiga que veio de Carraceda de Ansiães pelo correio; ofertas, de Mira; doze, de Cardigos; portuguesa a viver no Rio de Janeiro veio trazer sua oferta a recordar o marido que foi muito nosso amigo.

Cinco, da Mogueira; mil, de Viana do Castelo; o casal, de Pereira, que aparece há muitos anos; as crianças, catequistas e sacerdotes da catequese do Juncal deixaram vinte e cinco; o casal, muito amigo, de Cebolais de Cima; amiga, da Cruz de Morouços; veio a Fraternidade de S. Francisco, de Tomar. Vêm sempre cheios de coisas boas; amiga, de Cascais; dez, de S. Martinho; amigos, de Penela; crianças e catequistas, de Tavadre, deixaram 34.000\$00; amiga, de Febres; senhora, do Porto; amigo, de Seia; a Auto-Industrial, de Coimbra; cinco, de Calvão; dez, de família de Pousadouros; seis, da catequese de Tentúgal.

Padre Telmo traz sempre muitas lembranças da sua aldeia, Bruçó; 150 francos suíços, de amigo; muitas coisas boas na Páscoa da minha aldeia; a amiga, de S. Jorge; 100 dólares do Canadá; amigo, de Marinhãs — Esposende; 20, entregues ao Prior de Santa Cruz; médico, de Azeitão; 48.000\$00 de pai a lembrar o filho com 24 anos; crianças e professoras da escola de Pedrógão Grande; casal, de Ansião; muitos envelopes e embrulhos na Casa do Castelo; envelopes na lojinha do Fernando. E fechei a agenda, por agora.

Padre Horácio

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

ENCONTROS

Continuação da página 1

beleza da família? Há soluções intermédias...

Quanto às crianças a quem disse sim. Possuía o nome duma Azinhaga e nessa azinhaga o número de uma rua e nessa rua o número de uma porta. Conteí 29 ruas a saírem da azinhaga. Meti-me pela rua número 10 e divaguei durante muito tempo à procura do número da porta. Percorri becos, impasses, redondos, bifurcações, desvios e não conseguia atinar com o tal número. Fui obrigado a perguntar. Resposta: «Pelo número não vai lá

• EM LISBOA

porque todas as semanas mudam». Dei um nome de pessoa. Toda a gente conhecia.

Encontrei-me numa divisão feita de tábuas e chapa, a conversar com uma mulher dos seus 60 anos, muito mal tratados. Eram 14 h e o álcool já comandava. À mistura estavam panelas, fogão, dois colchões, uma pilha de jornais velhos. Quando me apresentei e disse ao que vinha, ouvi uma voz amargurada: «Leve os meus netinhos. Eu não posso fazer nada por eles». Não interessa o resto...

Víamos para fora. Uma menina dos seus sete ou oito anos aproximase, encosta a cabecita ao ventre da senhora com quem falava e diz: «Dá-me da tua sopa». Ela faz-lhe uma carícia e comenta para mim: «Ainda sou eu que lhe acudo muitas vezes». Perante isto tive que dizer sim aos seus netos.

Estava a escrever estas linhas quando eles chegaram. Oxalá nós possamos fazer alguma coisa com eles e por eles!

Padre Manuel Cristóvão

FESTAS

• CENTRO

Continuamos à roda. As nossas Festas fazem-nos girar.

«Cada ano são mais lindas as vossas Festas» — ouvimos nós, de muitos lábios e muitos corações.

Nas que já fizemos pareceu-nos que as grandes salas cheias estiveram em festa do princípio ao fim.

Vamos continuar:

COVILHÃ — 18 de Maio, às 21,30, no Teatro Cine.

CASTELO BRANCO — 20 de Maio, às 15,30, Salão da Misericórdia.

MIRA — 26 de Maio, às 21,30, no Salão da Casa do Povo.

ANADIA — 31 de Maio, às 21,30, no Teatro de Anadia.

CANTANHEDE — 2 de Junho, às 21,30, no Salão dos Bombeiros.

MEALHADA — 9 de Junho, às 21,30, Cinema Messias.

LOUSÃ — 16 de Junho, às 21,30, Salão da Escola.

• SUL

LOURES — 26 de Maio, às 16 h, Cinema dos Bombeiros Voluntários de Loures.

★

SETÚBAL — 20 de Maio, às 21 h, Forum Luísa Tody.

PALMELA — 2 de Junho, às 21,30, Sociedade das Cabanas.

COSTA DA CAPARICA — 9 de Junho, às 21,30, na Igreja Nova.

LUTA CONTRA A POBREZA

Continuação da página 1

Programa. Uma obsessão que há-de levar os seus agentes a comprometer o Homem na sua própria libertação, descobrindo estímulos para que ele se promova ao mesmo tempo que é realizada a renovação das condições materiais que o envolvem.

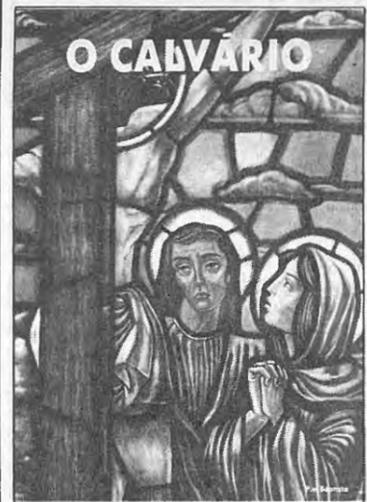
Quando, há mais de trinta anos, se viveu no Porto a luta contra as «ilhas» e uma maré alta na área da Habitação Social, um Técnico, profundamente empenhado no processo, viu a imperfeição da obra e a diminuição do seu rendimento social pelo facto de se fazerem casas para o Homem sem a preocupação concomitante de re-fazer o Homem para as novas casas. Era um apaixonado! A Igreja foi ao encontro da sua dor e a Obra Diocesana de Promoção Social ocupou-se da missão de humanizar alguns Bairros então construídos.

Semeie Deus nos obreiros do actual Programa uma semelhante paixão. Sem ela, correm o risco de tropeçar nos milhões de que dispõem à partida. Com ela, até os fariam cair do céu, se as «vontades políticas» não se tivessem, finalmente, voltado para aqui.

Padre Carlos

O livro CALVÁRIO está pronto

O livro *Calvário* espera pelos leitores mais motivados. Ao longo dos anos — foi pena! — não registámos



os pedidos para a 3ª edição que ora desponta. É a nossa *desorganização organizada!* Mas vão chegando os mais interessados. Até pelo telefone!

Obra actualíssima, Padre Baptista pôs, nela, o melhor de si mesmo. Passou a ter cinco partes ou capítulos: 1. *Introdução*; 2. *Na quinta da Torre, em Beire, nasce o Calvário*; 3. *Do desengano e abandono vêm os moradores*; 4. *No viver em família encontram-se a si próprios*; 5. *O Calvário inquieta*. Duzentas e oitenta e oito páginas, riquíssimas de mensagem desta Obra de Doentes, para Doentes, pelos Doentes.

Não é *saudosismo*, mas realidade: O desvelo de Pai Américo quando erguia os alicerces do Calvário, aonde desejaria ficar — repetimos

— até ao Fim! O entusiasmo de Padre Baptista na concretização do aldeamento, na sua corporização!

O Calvário é um brado de alerta. Denuncia a paixão e morte lenta de milhares de Incuráveis, marginalizados do mundo, dos homens, dos seus mais seus — os da sua carne. Brado de alerta, inclusivé, para certas filosofias materialistas — eutanásia, por exemplo — que subjazem, no Universo; especialmente em países ditos desenvolvidos.

Escrevam. Telefonem. É pena não termos fax ou telefax... Dêem as vossas encomendas, que a terceira edição do livro será expedida na volta do correio.

Júlio Mendes



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898